

## BALANÇO À VIDA

Ou a vida é um acto religioso — ou um acto estúpido e inútil.

Considero os meses mais felizes da minha vida aqueles em que eu e minha mulher fomos viver para uma aldeia remota. Ainda hoje me penetra a solidão perfumada dos montes. A casa não tinha vidros e à noite o silêncio doirado de estrelas entrava pelas janelas e desabava sobre nós... Há horas em que as coisas<sup>1</sup> nos contemplam, e estão por um fio a comunicar connosco. Às vezes é um nada, um momento de êxtase em que distintamente ouvimos os passos da vida caminhando. O homem sozinho está mais perto de Deus e das coisas eternas. Sabe-lhe melhor a vida, compreende melhor a morte. Um por menor que o interesse entranha-se-lhe na alma para sempre, como um perfume que nunca mais se esvai... Ainda este ano o Maio foi<sup>2</sup> tão quente que toda a noite se lavrou ao luar...

Uma, duas, três vezes a Natureza me salvou. Da última apelei para ela num desespero. Não só a vinha que plantei me pagou generosamente em frutos como me ensinou muitas coisas que ignorava. Deste pedaço de terra, desta meia dúzia de campos se mantém o senhor José, a mulher, a filha e os moços — e eu próprio tiro o essencial para a vida.

Encostado a um muro velho, vi desfilar na minha frente jornaleiros e caseiros, figuras da realidade que se entranharam na minha alma para sempre. Não foi o outro mundo das cidades

que me interessou: ao contrário, pareceu-me sempre fantasmagórico. O mundo que me impressionou foi este. Eu felizmente sou um mero espectador da agitação lá de baixo e, quase, só do meu canto assisti ao desenrolar de toda a tragédia contemporânea: — queda do trono, revoluções, mortes, gritos... Se não, morria de remorsos. E isto não é uma frase: morria de remorsos se tivesse concorrido para a morte dum homem.

E é da gente ignorada que levo as maiores impressões da existência. Foram os pobres que me obrigaram a pensar — foi a série de figuras toscas que encontrei na estrada, duma realidade tão grande que nunca consegui afastá-las da minha alma. Ainda hoje desfilam diante de mim os mortos e os vivos... Não posso esquecê-los: parece que todos eles esperam alguma coisa de mim.

Tenho o senhor José diante de mim<sup>3</sup> todo branco, com os socos nos pés e a camisa entreaberta no peito cheio de grenha cinzenta e vermelho como o monco dum peru. É assim que me aparece todo esfarrapado. Olho para ele e para o casaco de remendos e tenho vontade de o abraçar. E não o abraço para não me perder o respeito. (Há-de me servir de muito o respeito quando estiver na cova!) Tem oitenta anos e tudo desliza sobre ele como sobre uma trave. Nunca se altera. As vides estão a estragar-se — zango-me: ele só diz: — Vou alveitar. O ano não foi cadible.

Sabe lavar, cavar, podar. E o que ele sabe tem séculos, o que ele diz tem séculos. São duas ou três ideias rudimentares e fórmulas de que se serviram os mortos para explicar a vida e exprimir a dor. Por isso o venero assim intacto e tremendo entre os montes denegridos.

Todo o dia ralha com a mulher e ela com ele. Comigo é inalterável.

— Porque não sulfatou as vides que se estragam?

— Dilatei-me.

— E agora onde vai?

— Vou ali a um pouco...

E segue o seu caminho com a enxada às costas. Quando lhe falo tem o ar de ouvir e de aprovar, mas, logo que volto costas, é como se tivesse falado ao vento.

Ele é bronco e solene como os bois, ela é esperta e velhaca. A senhora Rosa, que fala fanhoso, todo o dia resmunga e diz das outras que não carregam nem lavram:

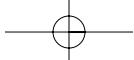
— É uma mulher que não sai detrás das panelas.

Levam horas a comer. Comer para o lavrador, que sabe o que lhe custa o pão, é um acto religioso. Moem e remoem devagar o caldo e a broa, com o respeito de nossos pais diante da mesa posta.

A figura inexpressiva só fica bem agarrada ao arado numa terra desolada e com nuvens desgrenhadas pelos ares. A terra pesa sobre ele e revestiu-o de cascão, a terra secou-o. Vêm os que andam no peditório de boi, ou os pobres à porta rezar pelas almas — dá-lhes uma malga de feijões, porque pode morrer-lhe um boi ou acabar amanhã a pedir pelas estradas. A terra fê-lo avaro e espesso. Desde que nasce até que morre, repete os mesmos gestos sob a vacuidade dos céus. A chuva não despega dos montes encharcados, o panorama fecha-se em roda cor de lousa, e não acabam de passar as névoas atrás de névoas, perseguindo-se em farrapos que se abaixam até aos grandes píncaros isolados, de granito. A terra acabou por lhe entranhar a cor e a monotonia que vem da chuva, do caldo e da broa, do mato a escorrer e da tristeza absurda e mortal das gotas dos beirais caindo sobre o eido e o esterco que é a base da sua vida, e que fermenta camada sobre camada, cheirando a urina e a erva até ficar negro, curtido e gordo.

— O esterco é ele que nos suja e é ele que nos alimpa — diz a senhora Rosa.

É com bosta que se estruma o campo, que se barra o forno e o pipo da água-pé, é com bosta que se acrescenta a eira para secar o pão. Por isso o boi faz parte da família: vale mais que o homem e é melhor tratado que a mulher. Tem a cama quente e limpa e a comida escolhida e farta. O boi e o milho, o estrume e o pão são divindades para o lavrador. O vinho é acessório. Chove na casa, a corte é abrigada. Sem boi não se faz o carroto, sem boi não se pode lavar o campo nem fabricar o esterco. Este bicho paciente e dócil, quase majestoso, com a venta molhada pela baba, olha para a gente com doçura. Anos depois de vendidos, quando passam pela estrada,



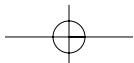
voltam o focinho para o sítio e mugem com saudades da casa, dos campos e talvez do homem. Quase sempre é o moço que os leva de manhã e à tarde ao pasto, ou que lhes dá a erva na corte.

De madrugada — pleno Inverno — ouço o amo barregar da enxerga: — Vai deitar de comer ao gado! — E o pequeno labroste lá salta estremunhado do palheiro, e, com as mãos gretadas de frieiras, vai ao masturadouro distribuir o penso aos bichos. Às vezes adormece na corte que é mais quente e os bois marelos estendem para ele o focinho esbranquiçado donde sai o bafo morno, a cheirá-lo.

Tudo aqui está ligado pelas mesmas raízes, o alpendre remendado com velhas tábuas, o casebre de lascas grosseiras, a eira de lajedo, a terra, o homem e os bois, e tudo tem o carácter das coisas e dos seres essenciais e remotos e foi cimentado pelos anos. Dura há séculos — e nunca mais acaba.

Ao abrigo das paredes, entre montes desmedidos, com o pão na caixa e o vinho na adega, quando chove e o lume arde e aquece, é que se concentra e recoze o delicioso egoísmo. Fechem tudo! O Inverno está atrás da porta. A noite é imensa e negra e a água não despega das vidraças. Gozo este tempo na sua mais íntima sustância — o terror inútil da fome, o medo do homem primitivo quando acendia a fogueira ao aproximar-se o negrume cheio de lágrimas que nunca mais passava... Cheira-me no isolamento e no bravio, como nunca me cheirou, ao pão que sai do forno, e ouço até à alma, onde reluz em fio e encharca, o canto do melro que todas as tardes assobia no salgueiro. Quando saio, a árvore estende a sua mão fresca e pousa-me na cara e tudo me sabe a terra e a morte, à terra que se pega à gente logo às primeiras chuvas. Todos os frutos que se comem e o primeiro vinho têm o mesmo travor agro, a que se mistura o cheiro a folhas podres. Encanta-me a lide grosseira da adega onde os jornaleiros rouçam as pipas para as alinharem: é nesta escuridão, junto às quatro padieiras do lagar reluzindo à chama da candeia, que o vinho vai fazer-se até ao S. Martinho. — No S. Martinho prova o teu vinho.

As primeiras ervas são tenras. A serradela e a língua-de-ovelha crescem com a humidade e os bois engordam na cor-



te. À pressa guardam-se as gabelas de lenha seca já rachada e os cavacos de carvalho e do velho castanheiro que morreu.

Chove sempre. As árvores, despojadas do fruto, não podem com o peso da humidade, à volta os montes negros deram um passo e aproximaram-se maiores e mais espessos. Crepes no céu e gotas caindo num ruído de quem avança ao de leve. E cheiro, cheiro a terra aquecida e molhada, cheiro a folhas que fermentam pelo chão. Vêm aí as noites negras e aquela voz cavernosa que me faz encolher na enxerga: — o vento que clama às portas e dá o primeiro encontrão às vidraças. Não é ainda o Inverno, mas já os melros debicam a baga dos loureiros, e os estorninhos desgarrados puxam a azeitona às oliveiras.

Logo depois das lufadas, dias parados e mornos com sol coado por névoas, todos brancos e meio adormecidos. O caseiro com o seu velho casaco de remendos apõe os bois para carregar um carro de mato. Assim que este fantasma branco se esvai tornam os dias límpidos. E agora o vereis! A túlia ergue-se no azul toda de oiro, os choupos esguios estremecem e a vinha esfarrapa-se cor de mosto entre as leirinhas viçosas e os montes roxos e pasmados. Está frio. Já apetece comer os gaipelos que ficaram esquecidos para os podadores, transparentes, gelados e doces como mel. Passo horas extasiado na vinha com medo de me mexer e todos os dias pergunto: — É o último? — O tempo está para morrer. Às primeiras chuvas pesadas o doirado desaparece no negrume. Tremo pela luz, pelo esplêndido Outono que está por um fio. E sinto tudo isto com delícia, como quem está para morrer...

## DEZEMBRO

O estrume negro tirado das cortes foi disposto em rimas e espalhado a engajo, e, depois de feitos os alredures, ele, a velha e a filha, todo o dia lavram para o centeio esta leira que é um sítio ramarante. A moça, à frente, guia os bois, a velha, ao lado, mete-os ao rego e espicaça-os, e o caseiro, vergado sobre o arado, berra:

— Eh, carago! Eh, eixe!